

Organização: Ismar de Oliveira Soares, Claudemir Edson Viana e Jurema Brasil Xavier

Projeto Gráfico, Editoração e Capa: Digitexto Serviços Gráficos e Editora Ltda.

Comissão Científica e Editorial:

Antônio Nolberto de Oliveira Xavier (*Conselheiro ABPEDUCOM/ UESC*)

Cicília Maria Krohling Peruzzo (*UMESP - SP*)

Claudemir Edson Viana (*ABPEDUCOM – SP/ USP-SP*)

Cristiane Parente (*ABPEDUCOM - SP/ Universidade do Minho - Portugal*)

Dilma de Melo Silva (*USP – SP*)

Diva Souza Silva (*UFU – MG e ABPEDUCOM - SP*)

Eliany Salvatierra Machado (*UFF – RJ*)

Filomena Maria Avelina Bonfim (*UFSJ – MG*)

Gabriela Borges Martins Caravela (*UFJF – MG*)

Heinrich Araujo Fonteles (*ABPEDUCOM - SP*)

Isabel Pereira dos Santos (*ABPEDUCOM – SP*)

Ismar de Oliveira Soares (*ABPEDUCOM - SP*)

Jenny Margoth De la Rosa Uchuari (*ABPEDUCOM - SP*)

Lucilene Cury (*ECA/USP - SP*)

Luiza Maria Cezar Carravetta (*UNISINOS-RS*)

Luzia Mitsue Yamashita Deliberador (*UEL/PR*)

Marciel Aparecido Consani (*USP-SP*)

Maria José Brites (*ABPEDUCOM - Portugal*)

Merli Leal Silva (*UFRGS – RS*)

Paola Diniz Prandini (*ABPEDUCOM – SP*)

Richard Romancini (*USP – SP*)

Rosane Rosa (*UFMS - RS*)

Rose Mara Pinheiro (*UFMT - MT*)

Suyanne Tolentino de Souza (*PUC/PR*)

Tatiana Gianordoli Teixeira (*ABPEDUCOM - SP*)

Vera Lucia Spacil Raddarz (*UNIJUI - RS*)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural.

Organização: Ismar de Oliveira Soares, Claudemir Edson Viana, Jurema Brasil Xavier.

São Paulo: ABPEducom.

Prefixo Editorial: 68365

ISBN: 978-85-68365-07-6

São Paulo, 05 de dezembro de 2017

Organização:

Ismar de Oliveira Soares - Claudemir Edson Viana - Jurema Brasil Xavier

Educomunicação
e suas áreas de intervenção:
novos paradigmas para o diálogo intercultural

Reflexões sobre o uso dos termos “alfabetização” – “letramento” e “literacia”

LUCILENE CURY
CRISTIANE MOURA LIMA DE ARAGÃO

Os Estados Participantes da UNESCO, tendo em vista a necessidade de assegurar oportunidades plenas e iguais de educação para todos, acordam e expressam sua determinação em desenvolver e expandir os meios de comunicação entre seus povos, empregando-os para os propósitos de entendimento mútuo e conhecimento da vida, uns dos outros, a fim de estabelecer o diálogo intercultural entre os povos.

Diálogo esse, entendido no sentido mais autêntico do termo, que vai além das conexões altamente desenvolvidas pelo mundo digital, conforme o trabalho *Comunicação ou conexão?*¹, que mostra o posicionamento que está implícito neste artigo, ou seja, para que as conexões digitais se tornem processos de comunicação, faz-se componente obrigatória, a atividade do sujeito receptor.

Na busca dos melhores meios de promover a comunicação no processo de Educação, este *paper* parte da necessidade de levar à discussão os termos comumente utilizados para nomear conceitos intrínsecos ao binômio - Comunicação/Educação - bem como para apresentar os aspectos teóricos do que se denomina Educomunicação, à luz do que pode ser apreendido no trabalho de Roberto Aparici² (2012).

1 CURY, Lucilene. AZAMBUJA, Marcos J. C. FELÍCIO, Maurício C. Comunicação ou conexão? *Revista Geminis*, Ano 6, n. 1, p. 286-295, 2015. Disponível em www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/230. Acesso em 20 ago. 2016.

2 APARICI, Roberto (Coord.). *Educomunicación: Más Allá del 2.0*. Barcelona: Gedisa, 2010.

Há pelo menos três termos utilizados, no Brasil, no contexto das tecnologias digitais: **alfabetização, letramento e literacia**.

- Seriam todos eles sinônimos, de fato?
- Representariam todos eles um mesmo processo?

Nas seções seguintes apresentamos nossas reflexões sobre esses termos, evidenciando o que consideramos suas principais diferenças. Em seguida, abordamos os letramentos digitais, o letramento midiático e o letramento informacional, tal como os compreendemos. Então, analisamos o termo utilizado no material da UNESCO sobre **alfabetização/letramento midiático e informacional** e apresentamos alguns exemplos de iniciativas desenvolvidas no Brasil, que são consideradas importantes para a compreensão do tema.

Alfabetização, letramento ou literacia? Os vários termos em uso no Brasil.

No Brasil, não há, atualmente, consenso sobre qual é o melhor termo a ser usado no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), para nomear a questão, de forma definitiva, mas há muitas tentativas de aproximação entre os termos utilizados, o que nos faz seguir por esse caminho para colaborar na busca de definição e diferenciação entre eles.

Assim, inserindo os termos “alfabetização”/“alfabetizações”, “letramento”/“letramentos”, “literacia”/“literacias”, separadamente, no Banco de Teses e Dissertações da **CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**, foram encontrados os seguintes resultados, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – termos presentes em dissertações/teses

Termo	Número de registros (dissertações/teses)
Letramento	1.362
Alfabetização	1.278
Literacia	35
Letramentos	922
Alfabetizações	13
Literacias	5

Fonte: Dados disponíveis em <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. (Último acesso em: 19 jun. 2016)

Evidencia-se, conforme a **tabela 1** - o uso mais frequente dos termos: **Letramento / Letramentos** em relação aos termos: **Alfabetização e Literacia**³.

A partir dos estudos de Magda B. Soares, pesquisadora brasileira na área de alfabetização e letramento, observa-se como o termo “letramento” foi introduzido no Brasil e como seus correspondentes surgiram em outros países (SOARES, 2004, p. 6). No Brasil, o termo “letramento” surge na década de 1980 e, no mesmo período, temos o aparecimento dos termos “*illetterisme*”, na França, e “literacia”, em Portugal, como resultado da “necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever” (SOARES, 2004, p. 6). Em inglês, o termo “literacy” surge entre 1880 e 1885, como junção de “liter(ate)” e “-acy”, passando a significar “habilidade de ler e escrever”, mantendo, porém, o significado mais amplo associado ao termo “*literate*” - instrução, cultura; conhecimento. Mas, somente na década de 1980, com os Novos Estudos do Letramento, o termo passou a indicar, também, o fenômeno estudado nas áreas da linguagem e da educação (SOARES, 2004, p. 6).

Segundo a pesquisadora, ainda que o termo tenha surgido na mesma época nos países mencionados por ela, os contextos eram diferentes. Assim, enquanto a discussão sobre letramento na França e nos Estados Unidos ocorre de modo independente da discussão sobre alfabetização, pois, nos países desenvolvidos a população era alfabetizada, mas sem domínio das competências de leitura e escrita; no Brasil, os conceitos de alfabetização e de letramento se entrelaçam, pois, os problemas de alfabetização (enquanto ato de aprender a ler e a escrever) e de letramento (domínio das habilidades de uso da leitura e da escrita) caminham juntos (SOARES, 2004, p. 6-7).

Além disso, a autora menciona como o conceito de alfabetização, utilizado nos censos demográficos feitos no Brasil, sofreu alterações ao longo das décadas, caminhando, aos poucos, em direção ao conceito de letramento. Assim, até o Censo de 1940, alfabetizado era aquele que “declarasse saber ler e escrever”, a partir de 1950, era aquele “capaz de ler e escrever um bilhete simples”, e, mais recentemente, a quantidade de anos de escolarização passou a ser o critério que determina o “nível de *alfabetização funcional*” do indivíduo (SOARES, 2004, p. 7).

3 Vale lembrar que nem todos os resultados apresentados na tabela 1 estão relacionados a pesquisas desenvolvidas no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e educação. Certamente, vários registros do termo “alfabetização” estão relacionados ao contexto de aprendizagem da escrita e da leitura escolar.

No contexto da Era Digital, em 1995, Richard Lanham⁴ afirma que o significado do termo “*literacy*” foi estendido, passando da “habilidade de ler e escrever” para “a habilidade de entender a informação qualquer que seja o meio em que ela é apresentada” (LANHAM, 1995, p. 160). Paul Gilster⁵, por sua vez, afirma que “o conceito de *literacy* vai além de simplesmente ser capaz de ler, ele sempre denotou a habilidade de ler com significado, e entender” (GILSTER, 1997, p. 2). Ou seja, um único termo em inglês passou a designar dois processos diferentes, embora paralelos e entrelaçados: alfabetização e letramento, tanto no contexto do ensino da leitura e da escrita, quanto no contexto digital.

No que diz respeito à terminologia do letramento informacional usada no Brasil, a pesquisadora Kelley Gasque aborda o uso dos termos “habilidades”, “competências”, “letramento”, “alfabetização” e “literacia” e cita Soares, entre outros, para justificar a sua escolha do termo “letramento informacional” ao transpor os conceitos de alfabetização e de letramento para o contexto informacional (GASQUE, 2010, p. 85).

Assim, ainda que o termo “*literacy*” em inglês seja o mesmo para indicar os dois processos (alfabetização e letramento), bem como no espanhol (*nuevas alfabetizaciones*) e em italiano (*alfabetizzazione informatica*) – expressões correspondentes a *digital literacy*, no contexto brasileiro, diferenciam-se os dois processos, com termos distintos.

No contexto das TICs, o outro termo proposto é “literacia” utilizado em contraposição ao termo “letramento”, pois este estaria ligado ao universo da educação escolar formal⁶. Contudo, o que ocorre é tão somente uma transposição dos conceitos de alfabetização e letramento que são estendidos para o contexto digital (LANHAM, 1995; GASQUE, 2010). Ou seja, basta diferenciar alfabetização e letramento, tanto no contexto do ensino da escrita e da leitura, quanto no contexto das tecnologias digitais. Um terceiro termo indicaria processos diferentes quando, na verdade, o conceito de letramento é transposto para um novo contexto. O uso do termo “literacia” poderia ser entendido, também, como uma proposta de unificação das terminologias brasileira e portuguesa, pois em Portugal utiliza-se o termo “literacia” em contraposição ao termo “alfabetização”. Contudo, em Portugal, os termos utilizados são “alfabetização” e “literacia”, não há um terceiro termo.

4 LANHAM, Richard. *Digital literacy*. Scientific American, 273 (3), p. 160-161. Disponível em <http://www2.idehist.uu.se/distans/ilmh/Ren/lanham-digital-lit.htm>. Acesso em 19 jun. 2016.

5 GILSTER, Paul. *Digital literacy*. New York: Wiley, 1997.

6 Cf., por exemplo, BELO ANGELUCI, Alan César. PASSARELLI, Brasilina. JUNQUEIRA, Antonio Hélio. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. *Matrizes*, v. 8, p. 159-178, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143031143010>. Acesso em 20 ago. 2016.

Tendo em vista o que já foi abordado, optamos por utilizar os termos “alfabetização” e “letramento” para indicar conceitos e processos distintos também nos contextos digital, midiático e informacional. Assim, o conceito de alfabetização, nesses contextos, pode ser entendido como processo de aquisição do sistema em questão (seja ele digital, midiático ou informacional), enquanto, por letramento entende-se o desenvolvimento das habilidades de uso (das tecnologias digitais, das mídias ou das informações) nas práticas sociais do indivíduo, transpondo, dessa forma, a diferenciação proposta por Soares no contexto da aprendizagem da escrita e da leitura, para novos contextos. Acreditamos, portanto, não ser necessário recorrer a um terceiro termo (“literacia”), uma vez que há apenas dois processos envolvidos.

Letramentos digitais, letramento midiático e letramento informacional.

A década de 1990 marca o surgimento da expressão “letramento digital”, que passa a ser utilizada por vários autores. Dentre eles, Paul Gilster que define letramento digital como sendo a habilidade de usar e entender a informação apresentada em múltiplos formatos por meio de computadores (GILSTER, 1997, p. 33). David Bawden propõe a divisão do letramento digital em quatro componentes: o primeiro, composto pelo letramento per se, o letramento computacional e o letramento em TIC; o segundo, formado pelo repertório de conhecimentos do próprio indivíduo; o terceiro, envolvendo o letramento informacional e o letramento midiático e, finalmente, o quarto componente associado ao letramento social e moral (BAWDEN, 2008, p. 29). Ou seja, para Bawden, o letramento digital engloba vários outros letramentos em suas componentes, incluindo o letramento midiático e o letramento informacional. Considerando essa pluralidade do conceito de letramento digital, Colin Lankshear e Michele Knobel⁷ preferem utilizar o termo no plural: “letramentos digitais” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 1).

A Comissão Europeia, por sua vez, adota uma definição largamente aceita de letramento midiático (*media literacy*): “*ability to access the media, to understand and to critically evaluate different aspects of the media and media contents and to create communications in a variety of contexts*” (European Commission, 2007, p. 3)⁸.

Kelley Gasque, por outro lado, apresenta as diferenças entre os conceitos de alfabetização informacional e de letramento informacional. Segundo ela, a alfabetização informacional

7 LANKSHEAR, Colin. KNOBEL, Michele. *Digital Literacies*. New York: Peter Lang Publishing, 2008.

8 EUROPEAN COMMISSION (2007). *A European Approach to Media Literacy in the Digital Environment*. Disponível em <http://www.cedefop.europa.eu/it/news-and-press/news/european-approach-media-literacy-digital-environment>. Acesso em 13 jun. 2016.

corresponde à primeira etapa do processo de letramento informacional e é nesse momento que o aprendiz tem os primeiros contatos com “as ferramentas, produtos e serviços informacionais” (GASQUE, 2013, p. 5), desenvolvendo noções de como se dá a organização de dicionários, enciclopédias e bibliotecas, e adquirindo domínio das funções básicas do computador.

Assim, de acordo com Gasque, letramento informacional é um

processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida. Pessoas letradas têm capacidade de tomar melhores decisões por saberem selecionar e avaliar as informações e transformá-las em conhecimento aplicável. (GASQUE, 2013, p. 5)

A noção de **aprender a aprender** está estritamente ligada ao conceito de autonomia, pois, conforme afirma Phil Benson⁹, a “autonomia envolve aprendizes tendo mais controle sobre a própria aprendizagem”. A definição proposta por Gasque ecoa, de certo modo, o que Gilster afirmou sobre letramento digital: “você não tem de adquirir apenas a habilidade de encontrar coisas, você tem de adquirir também a habilidade de usá-las em sua vida” (GILSTER, 1997, p. 2).

O escritor Umberto Eco, quando questionado sobre como poderiam ser encontrados *sites* de qualidade em meio à quantidade de informação disponível na internet, finaliza sua resposta com outra pergunta: “Como podemos garantir que um jovem iniciante consiga distinguir entre a informação verdadeira e a falsa?” e responde logo em seguida:

- “Isso é algo que deveria ser ensinado nas escolas do futuro”¹⁰. Embora ele não tenha mencionado o termo, abordou a questão do letramento informacional e sua importância no ensino das novas gerações diante das inúmeras informações oferecidas na internet.

Alfabetização midiática e informacional (AMI) – a posição da UNESCO

Uma versão brasileira do material publicado pela UNESCO (2013), cujo título original é *Media and information literacy: curriculum for teachers*, recebeu o título *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores* (WILSON et al., 2013).

9 BENSON, Phil. What’s new in autonomy? *The Language Teacher*, 35.4, p. 15-18, 2011.

10 ECO, Umberto. ‘O dilúvio da informação’, entrevista concedida à revista *Veja*, matéria publicada em 27 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.taniamenai.com/folio2/2000/12/umberto_eco.html. Acesso em 26 jun. 2015.

Em nota de tradução, registra-se que, apesar das “nuances” existentes entre os termos “alfabetização” e “letramento”, os editores optaram por utilizar a expressão “alfabetização” para aproximar a expressão brasileira da expressão espanhola (WILSON et al., 2013, p. 18). O termo “alfabetização” reuniu processos distintos (alfabetização e letramento¹¹) em um único, contribuindo para a propagação de uma visão que, ao não diferenciar alfabetização de letramento, não se adequa ao contexto brasileiro (conforme os argumentos apresentados ao longo deste *paper*).

A proposta do material é a de apresentar um currículo flexível que capacite os professores, tornando-os agentes multiplicadores da AMI entre seus alunos e, por meio deles, alcançar toda a sociedade (WILSON et al., 2013, p. 17). Para isso, foram incorporados dois conceitos diferentes, alfabetização [letramento] midiática e alfabetização [letramento] informacional, em um único conceito: alfabetização midiática e informacional [letramento midiático e informacional] que, segundo a Declaração de Alexandria, de 2005, capacita “as pessoas de todos os estilos de vida a procurar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingirem suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais”¹² (NATIONAL FORUM ON INFORMATION LITERACY..., 2005, *apud* WILSON et al., 2013, p. 16).

Segundo Carolyn Wilson e equipe, “uma sociedade alfabetizada [letrada] em mídia e informação promove o desenvolvimento de mídias livres, independentes e pluralistas, e de sistemas abertos de informação” (WILSON et al., 2013, p. 20), tornando a sociedade mais democrática também em termos de acesso à informação e de produção de conteúdos. Para se alcançar esse objetivo é preciso que os professores sejam preparados e tornem-se, eles mesmos, letrados, promovendo assim, o letramento dos alunos e então, da sociedade como um todo. Os professores letrados em conhecimentos midiáticos e informacionais possuem melhores condições para capacitar seus alunos a **aprender a aprender**, a aprender de forma autônoma e a buscar a educação continuada”, deslocando o foco central do ensino do professor para o aluno (WILSON et al., 2013, p. 17).

Iniciativas em curso no Brasil

O primeiro exemplo é o **Programa Mídias na Educação**, desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância, juntamente com secretarias da educação e universidades públicas.

11 Para manter presente o conceito de letramento neste texto, esse termo estará indicado entre colchetes sempre que necessário. De fato, há trechos em que o material refere-se à alfabetização, mas há tantos outros que abordam o letramento, como veremos adiante.

12 NATIONAL FORUM ON INFORMATION LITERACY, BEACONS OF THE INFORMATION SOCIETY, Alexandria, 9 nov. 2005. The Alexandria Proclamation on Information Literacy and Lifelong Learning. Alexandria: IFLA, UNESCO, 2005.

Trata-se de um programa dividido em módulos e destinado a professores da educação básica. Os ciclos de estudos são desenvolvidos na modalidade de ensino a distância e seu objetivo é capacitar os professores para o uso pedagógico das diversas TICs, evidenciando as linguagens de comunicação mais adequadas ao ensino¹³.

O segundo exemplo é o Projeto “*Pixar in a Box*”, desenvolvido pela empresa de animação digital Pixar, da Disney, voltado para estudantes dos ensinos fundamental e médio, cujo objetivo é apresentar aplicações de conceitos ensinados em sala de aula utilizados na produção de animações e filmes. Lançado em 2015, nos Estados Unidos, com versão em português em junho de 2016. Por meio das vídeo-aulas, dos exercícios interativos e das atividades propostas na página, os estudantes percebem a importância das ciências no processo de criação das animações¹⁴. Esse projeto, por sua vez, desenvolve os letramentos digitais dos alunos e professores participantes.

Conclusões

Neste *paper*, apresentamos as diferenças entre os termos “alfabetização”, “letramento” e “literacia” e seus usos no Brasil. Baseando-nos nos argumentos expostos por Soares (2004) e Gasque (2010), justificamos a escolha do termo “letramento” para diferenciar o processo em relação à alfabetização, inclusive no contexto das TICs. Em seguida, introduzimos os conceitos de letramentos digitais, letramento midiático e letramento informacional, a partir das definições disponíveis na literatura. Analisamos, então, a escolha do termo “alfabetização” na versão brasileira do material elaborado pela UNESCO sobre “alfabetização” [e letramento] midiática e informacional. Procuramos mostrar que essa escolha não contribui para a precisão da terminologia usada em português. Antes, acaba por confundir ainda mais os termos “alfabetização” e “letramento”. Apresentamos também dois exemplos de iniciativas desenvolvidas no Brasil que contribuem para o letramento midiático, tanto dos professores quanto dos estudantes.

Concluimos citando uma vez mais Umberto Eco, que assim responde à pergunta “Como podemos acelerar a democratização da rede?”: “Por meio da educação. Cada criança no mundo deve ter acesso à internet. Se elas não tiverem dinheiro para comprar um computador, pelo menos devem ter espaços públicos onde possam acessar a rede” (entrevista já

13 Informações disponíveis em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12333:midias-na-educacao>. Acesso em 10 jul. 2016.

14 Informações disponíveis em <http://veja.abril.com.br/educacao/pixar-ensina-a-arte-e-a-ciencia-da-animacao-em-portugues/>. Acesso em 10 jul. 2016.

citada anteriormente). Para isso é necessário que os professores também sejam letrados, tanto em termos digitais, quanto em termos midiáticos e informacionais.

Referências

BAWDEN, David. Origins and Concepts of Digital Literacy. In: LANKSHEAR, Colin. KNOBEL, Michele. **Digital Literacies**. New York: Peter Lang Publishing, 2008.

GASQUE, Kelley C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, p. 83-92, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>. Acesso em 19 jun. 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional. **Comunicação & Educação**, v. 1, p. 31-40, 2007.

SOARES, Magda. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, 25, p. 5-17, 2004.

WILSON, Carolyn. et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

AS AUTORAS

LUCILENE CURY - Professora Doutora Associada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - Brasil.

CRISTIANE MOURA LIMA DE ARAGÃO - Doutoranda na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – Professora Doutora na UNIP.